

IDENTIDADE



Uma revista do Campus João Pessoa - IFPB

PESQUISA:

professora e estudantes desenvolvem sistema computacional para adestrar animais.

PERFIL DO CURSO:

Conheça a **Licenciatura em Química** ofertada pelo Campus João Pessoa.

EXTENSÃO:

Projeto busca despertar o interesse pela música em alunos de escolas estaduais e municipais.

INSPIRE-SE:

Investir na carreira durante graduação é a chave para o sucesso!





IDENTIDADE

Uma revista do Campus João Pessoa - IFPB

EDITORIAL

O lançamento da **Revista Identidade** é a concretização de um trabalho idealizado há cerca de um ano. Na escolha do nome indicamos qual a intenção da publicação: revelar as características, traços e peculiaridades das relações, trabalhos e conhecimentos vividos no IFPB - Campus João Pessoa.

Nosso desejo é que essa revista seja um meio de divulgação, particularmente, das realizações acadêmicas, científicas, culturais e pessoais. Por isso, **as temáticas abordadas dão enfoque a personagens que se destacam pela trajetória de sucesso e experiência de vida.** Também trabalhamos temas relacionados a projetos de pesquisa e extensão, mostrando o potencial científico, tecnológico e social de professores e estudantes.

Identidade pretende atender às demandas para divulgação de uma instituição centenária, que mudou ao longo de sua história, mas cujo foco sempre foi a Educação Profissional.

Conhecido por ter uma sólida imagem na formação de profissionais técnicos, o IFPB ainda busca reconhecimento pela formação de nível superior, que passou a ser ofertada pela instituição só em 1998.

Por isso, o foco da revista é no Ensino Superior para mostrar os casos de sucesso, apresentar o perfil de cursos oferecidos pelo Campus João Pessoa e mostrar experiências educacionais, que transpuseram os muros do instituto e vão além de conteúdos programáticos e matrizes curriculares.

Na **matéria de capa**, contamos a trajetória acadêmico-profissional do engenheiro de software, **Flávio Ribeiro**, ex-aluno do campus que atualmente trabalha num dos maiores conglomerados de comunicação, **The New York Times**. Além de sua experiência, Flávio dá alguns conselhos preciosos para quem quer alcançar sucesso e se realizar profissionalmente.

A **seção Intercâmbio** tem a proposta é abordar questões relacionadas ao ensino, como metodologias inovadoras, inclusão, estratégias educacionais e outros temas. Nessa edição, tratamos de intercâmbio a partir da perspectiva de um estudante como que fez parte da graduação fora do país.

Em outras partes fixas da revista, traremos matérias sobre **projetos de pesquisa** e extensão. Neste primeiro número, apresentamos os primeiros resultados de uma pesquisa que busca criar um sistema computacional para **adestramentos de cães de serviços**. Já na matéria sobre **extensão**, falamos sobre um **projeto que une educação e música** para estimular o enriquecimento cultural de alunos de escolas municipais e estaduais.

No último bloco de matéria, trabalhamos informações específicas para quem deseja começar um curso superior. Para isso, dedicamos uma matéria abordando as principais

diferenças entre as modalidades de graduação (bacharelado, licenciatura e cursos de tecnologia), apontando as características específicas de cada uma delas e trazendo orientações importantes. Em seguida, apresentamos o perfil do curso de Licenciatura em Química, destacando os bons resultados obtidos nos 10 anos de funcionamento do curso. Para finalizar, oferecemos informações sobre as principais formas de ingresso (PSCT, PSE e Sisu) no Instituto Federal da Paraíba.

Enfim, nosso principal objetivo com a revista Identidade é mostrar à sociedade que a interação entre professores, estudantes e técnicos administrativos do Campus João Pessoa é capaz de produzir: conhecimento, cidadania, arte e cultura. E, assim, mostrarmos com satisfação nossa contribuição para o presente e o futuro da sociedade brasileira. ♦

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

CAMPUS JOÃO PESSOA

Diretor Geral

Neilor Cesar dos Santos

Direção de Desen. do Ensino

Washington César de Almeida Costa

Diretoria de Adm. e Planejamento

Maria Cleidenedia de Moraes Oliveira

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Coordenação

Daniela Espínola Fernandes da Mota

Jornalistas

Daniela Espínola Fernandes da Mota

Juliana Gouveia de Amorim Nunes

Programação Visual

Hugo F. Vasconcelos de Melo

Rodrigo Diniz

EQUIPE TÉCNICA

Redação

Daniela Espínola Fernandes da Mota

Juliana Gouveia de Amorim Nunes

Jadleny Clementino dos Santos

Mailton Costa Silva Evangelista

Projeto Gráfico

Hugo F. Vasconcelos de Melo

Fotos

Igor Rafael de Moura Alves


Jadleny Clementino dos Santos


Rodrigo Diniz

Revisão

Neilson Alves de Medeiros

DIFERENÇAS
13 *entre*
CURSOS

 **PROJETO de**
EXTENSÃO 06

 **PERFIL 26**
do **CURSO**


20
INTER
CÂMBIO

 **42** **PROJETO de**
PESQUISA

FORMAS
de **INGRESSO 50**


INS
PI34
RE-
SE!



A MÚSICA

COMO INSTRUMENTO DE

MUDANÇA

PROJETO DE EXTENSÃO UNE EDUCAÇÃO E MÚSICA

As apresentações têm como foco estimular o enriquecimento cultural em alunos de escolas municipais e estaduais.



Grupo de Sax. Escola Municipal Professor Durmeval Trigueiro Mendes, no bairro do Rangel.

Um projeto de extensão do Campus João Pessoa vem proporcionando a apreciação musical de modo que possa estimular o enriquecimento cultural, intelectual e artístico de alunos das redes municipal e estadual de ensino de João Pessoa. É o projeto Música e Educação, coordenado pelo professor Draylton Siqueira.

A atividade consiste em apresentações didático-musicais, realizadas pelo Grupo de Sax do IFPB, tendo como público alvo alunos, professores, diretores e funcionários das

escolas municipais e estaduais da capital. Além do professor Draylton, estão à frente da iniciativa os professores Gilvanildo de Aquino Sena e Alessandro Dantas Dias, os alunos Lucas de Souza e Marcellus de Alexandria Rique Filho, além dos técnicos administrativos Adilson Luiz Silva e Jocileide Bidô.

De acordo com o coordenador do projeto, a iniciativa também visa divulgar o curso Técnico em Instrumento Musical, ofertado pelo campus nas modalidades integrado e subsequente. “Quando acontecem as apresenta-

ções, nós falamos sobre o grupo e apresentamos o projeto, seus objetivos, o intuito de estarmos ali e também aproveitamos para divulgar o curso”.

Muitos alunos de escolas públicas estão participando do curso de extensão em Instrumento Musical após tomar conhecimento desse projeto”, disse Draylton, coordenador da atividade.

Marcos Vinícius, por exemplo, que toca percussão, ingressou no curso de instrumento musical e no projeto após assistir a uma apresentação na escola onde estudava o ensino fundamental.

Assim que assisti à apresentação, já me identifiquei e fiz a prova para o curso. Espero que esse projeto vá muito mais além, pois é bastante interessante, não só por divulgar o Curso de Música, mas por levar a cultura musical para todos esses jovens, onde nos apresentamos.

Marcos Vinícius



Além das apresentações, os alunos participam de outras atividades previstas no projeto, que são desenvolvidas de forma integrada no decorrer das apresentações.

A iniciativa objetiva também quebrar alguns paradigmas e preconceitos, desenvolvidos na sociedade com o decorrer do tempo.

Exemplo disso é a inserção de mulheres no Grupo de Sax. Virginia Silva e Vitória Silva são irmãs e alunas do curso técnico de Secretariado do Campus João Pessoa. Elas decidiram participar do projeto na modalidade de extensão após o depoimento de uma colega do Instituto.

Vitória reforça que se sente orgulhosa de participar do grupo, tocando um instrumento indicado por muitos apenas para o público masculino.

Estou muito satisfeita e espero que outras meninas venham participar para acabarmos de vez com esse mito de que saxofone é um instrumento apenas para homens.

Vitória Silva

A preparação da equipe é realizada por meio de ensaios semanais, aquecimento vocal, além de estudos técnicos, melódicos e rítmicos.

“Através do trabalho em grupo, é possível desenvolver habilidades de percepção auditiva, prática em conjunto e também conhecimentos teóricos, quanto à leitura de partituras”, acrescentou o professor Draylton.

Para participar do grupo, não é preciso ser aluno dos cursos do IFPB - Campus João Pessoa, basta ter domínio médio do instrumento musical, que pode ser saxofone, guitarra ou bateria, e se inscrever no edital de seleção publicado anualmente. ◆

◆



DEPOIMENTOS

“Eu assisti à apresentação, gostei muito e me incentivou a participar do curso técnico. Eu gosto muito de música, só faltava mesmo um incentivo a mais para que eu me decidisse. Me identifiquei com o instrumento saxofone.”

Gabriela Medeiros - 15 anos

“Eu gostei muito da apresentação do grupo e acredito que quando nós queremos algo, devemos lutar por aquilo. Pude perceber que os alunos são muito focados, eles tocam com muita atenção. É muito bonita a apresentação deles, me inspirou bastante a querer fazer parte desse projeto.”

Beatriz Cruz - 12 anos

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CIDADÃ *Para toda* VIDA!



INSTITUTO FEDERAL
Paraíba
Campus João Pessoa

Você **conhece**
AS DIFERENÇAS
entre **cursos de**



Licenciatura,
Bacharelado e
Tecnológico?

No momento da escolha da graduação é importante observar **qual modalidade de curso corresponde à sua expectativa profissional.**

O **Ensino superior do Brasil** é formado basicamente por três tipos de graduações: licenciatura, bacharelado e a formação tecnológica. Todas elas conferem aos alunos o diploma de nível superior, que pode ser utilizado em atividades que exijam esse grau de escolaridade, na prestação de concursos públicos ou como pré-requisito para ingresso em uma pós-graduação.

O avaliador institucional e de cursos do INEP/MEC, Joabson Nogueira de Carvalho, esclarece que, no Brasil, os cursos que têm o Ensino Médio como requisito fazem parte do que é chamado de Educação Superior. No-

gueira, que também é consultor das Secretarias de Regulação e Supervisão da Educação superior (SERES), de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) e de Educação Superior (SESU) do MEC, explica que o Ensino Superior é dividido em cursos de graduação, cursos de pós-graduação e cursos sequenciais, que são uma espécie de aprimoramento profissional.

Estes últimos estão previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), mas com a oferta dos cursos de tecnologia, estão praticamente extintos e há poucos em funcionamento no país.

Assim, a diferença entre um curso superior de graduação e as outras modalidades de cursos superiores é que o primeiro atua como um tipo de pré-requisito de acesso ao nível seguinte: a pós-graduação.

O aluno só pode cursar uma pós-graduação se possuir um diploma de graduação. Então, se ele fez um curso sequencial, não está habilitado a prosseguir estudos em nível de pós-graduação.

Joabson Nogueira

Os cursos de bacharelado, licenciatura e de tecnologia são ofertados por Instituições de Ensino Superior, como faculdades, Universidades, Institutos Federais e Centros de Educação. É importante ressaltar que o diploma só terá validade se tanto a instituição quanto o curso forem reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC).

As formas de ingresso nos três tipos de graduações são semelhantes. Dependendo da insti-

tuição, o aluno pode ingressar pelo vestibular tradicional da faculdade; por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), através do Sistema de Seleção Unificada (SISU) e pelo do Programa Universidade Para Todos (PROUNI), que oferta bolsas integrais e parciais para estudar em instituições privadas.

BACHARELADO

Os cursos de bacharelado têm como principal característica a formação teórica mais ampla. Esse tipo de curso confere ao profissional o título de bacharel ou título específico da carreira, a exemplo do enfermeiro, jornalista e fisioterapeuta.

O bacharelado foi instituído com a vinda do imperador Dom Pedro II ao Brasil, pois naquela época, somente bacharéis podiam ocupar altos cargos na corte.

No entanto, como bacharel era uma formação típica do profissional de direito, era preciso formar bacharéis em outras áreas, como medicina e engenharia, para assim desenvolver o país.

Desde então, ficou decidido que toda a formação superior no Brasil concederia o título de bacharel, a exemplo de medicina, administração, economia e engenharia, entre outras.



Bruno Soares é aluno do 4º período do curso de bacharelado em Administração do IFPB - Campus João Pessoa. O interesse pela área surgiu quando o estudante conheceu os conteúdos de empreendedorismo e gestão organizacional, durante o curso Técnico em Eletrônica.

Bruno conta que optou pelo bacharelado porque oferece um formato de graduação mais abrangente. “Assim, posso aprender não só as matérias técnicas necessárias para o mercado, mas também posso contribuir cientificamente através de pesquisas.”

Sempre me imaginei gerenciando uma empresa e hoje tenho certeza que estou no caminho certo.

Bruno Soares

A área de educação possui um mercado de trabalho amplo para professores de química, visto que ainda existem poucos profissionais formados nesta área.

Isabele Francilino



LICENCIATURA

Os cursos de licenciatura são voltados para a formação de professores, que podem atuar no ensino fundamental e médio, em escolas das redes pública e privada.

Nesse tipo de graduação, o profissional irá se especializar em uma determinada área, como matemática, letras ou história, por exemplo, semelhante ao bacharelado. A diferença é que, além das disciplinas de sua área de atuação, o aluno da licenciatura deve cursar também disciplinas pedagógicas, a fim de qualificar-se para atuar como professor.

Aluna do curso de licenciatura em Química, Isabele Francilino, sempre foi fascinada pelas substâncias químicas presentes no cotidiano. Apesar de enfrentar dificuldades na aprendizagem de alguns conceitos, o interesse perdurou até o final do ensino médio, quando decidiu que faria uma graduação na área.

Hoje, prestes a se formar, Isabele conta que a licenciatura agregou valores à sua vida pessoal e também profissional. “Através do curso, tenho vivenciado experiências ímpares que me dão uma visão de mundo mais madura”.

TECNOLÓGICOS

Os cursos de graduação tecnológica surgiram no Brasil em 1996, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Profissional (LDB), que possibilitou à Educação Profissional a oferta de Cursos Superiores e de Pós-Graduação, seguindo um modelo de ensino já tradicional nos Estados Unidos, no Japão, na Austrália e em diversos países da Europa.

Os cursos de tecnologia se diferenciam dos cursos de bacharelado e de licenciatura por duas razões fundamentais: a duração e a formação mais prática.

As outras modalidades de cursos superiores duram, em média, quatro anos, já os cursos da formação tecnológica são concluídos em aproximadamente três anos. Desse modo, os alunos que optam por esse tipo de graduação terão acesso mais rápido ao mercado de trabalho.

Enquanto um curso de bacharelado oferece uma formação mais científica e generalista, os cursos de tecnologia têm como foco uma determinada área e os conteúdos são trabalhados de forma mais aprofundada. Esse tipo de formação surgiu na área de informática e a partir daí, a aceitação dos profissionais no mercado foi excelente, o que possibilitou a expansão para outros ramos do conhecimento.

O professor Joabson Nogueira esclarece que a graduação tecnológica é um dos níveis que mais cresceu nos últimos anos, porém, junto com esse crescimento surgiram também alguns aspectos negativos dentro do ambiente acadêmico, exemplo disso é o preconceito enfrentado por alunos que optam por esse tipo de formação.

“Algumas pessoas acreditam que os tecnólogos não possuem capacidade para ingressar em um mestrado por acreditarem que uma formação técnica não é completa. No entanto, os alunos que possuem uma formação tecnológica têm maior domínio e mais habilidades práticas sobre processos do que estudantes das outras modalidades de graduação”, explicou o docente.

Alunos que possuem uma formação tecnológica têm maior domínio e mais habilidades práticas...

Joabson Nogueira

Mas esse estigma está sendo desconstruído graças à grande quantidade de aprovações de tecnólogos em cursos de pós-graduação de diversos campos científicos, evidenciando que a formação, embora específica, é completa.



Patricia Braz, aluna do 6º período do curso de tecnologia em Design de Interiores, sempre quis especializar-se na área de ambientação comercial. Ela conta que escolheu a graduação tecnológica pela oportunidade de conclusão rápida, mas sem perder a qualidade na formação.

“No IFPB - Campus João Pessoa, diferentemente de outras instituições que ofertam a graduação tecnológica em dois anos, o curso de tecnologia em Design de Interiores é mais abrangente, permitindo que mais aspectos possam ser trabalhados ao se pensar na elaboração de um projeto de design para um ambiente”.

Diferentemente de outras instituições que ofertam a graduação tecnológica em dois anos, o curso de tecnologia em Design de Interiores é mais abrangente...

Patricia Braz

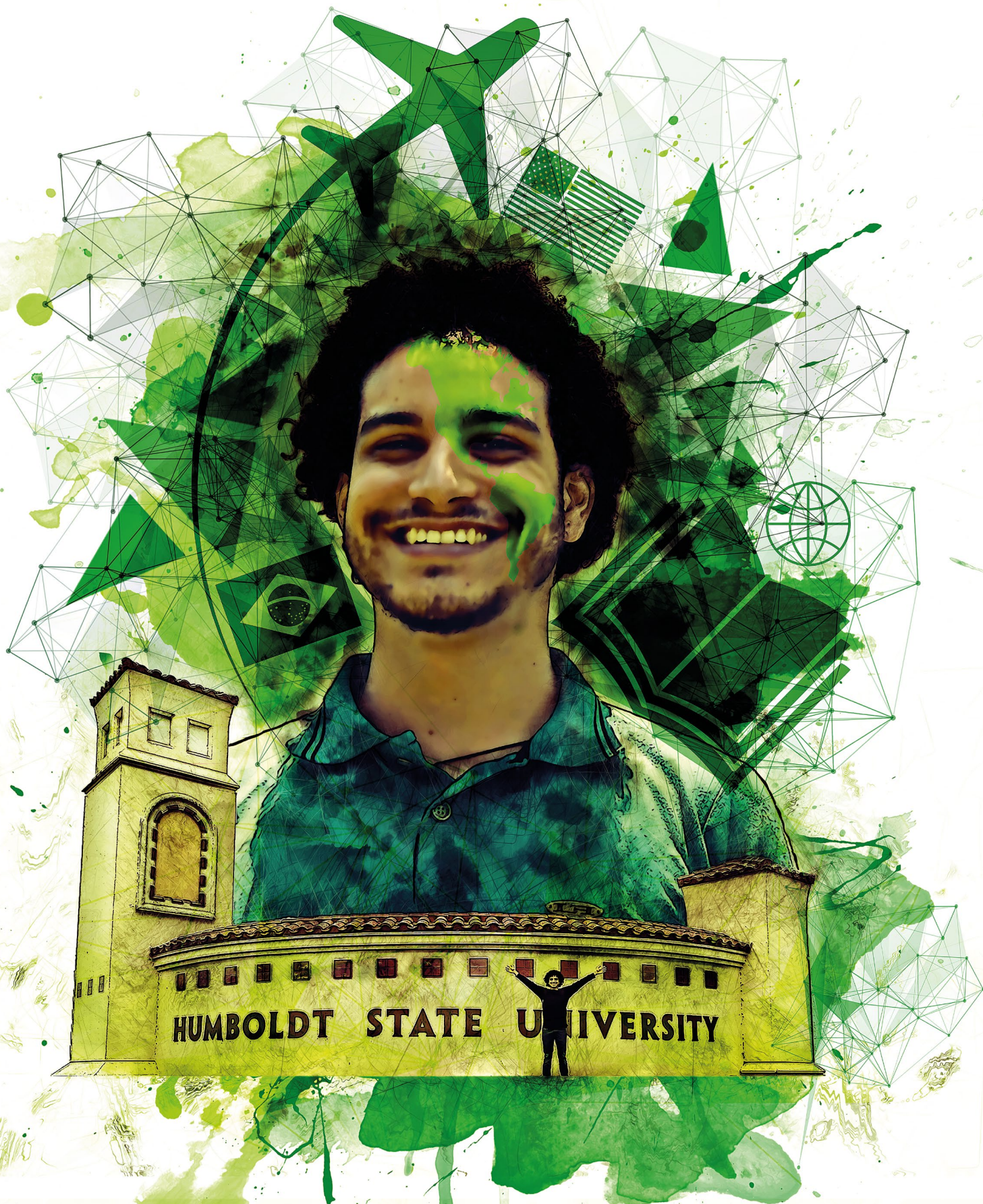
O que **OBSERVAR** no momento da **ESCOLHA?**

Para a pedagoga do IFPB, Maria José Dantas, no momento da escolha do tipo de formação, os estudantes devem observar as modalidades de cursos, os prós e os contras, e principalmente, devem procurar a modalidade que corresponda à sua expectativa profissional.

“É importante buscar informações que esclareçam as possibilidades de atuação, como, por exemplo, observar que os cursos tecnológicos podem atender expectativas de forma mais rápida para aqueles que já trabalham na área ou que já têm certeza de onde querem atuar na vida profissional”, explica a pedagoga.

O professor Joabson Nogueira também ressalta que se o perfil do candidato for de caráter mais teórico, ele deve procurar um curso de bacharelado, mas, se ele já está no mercado e quer elevar a sua qualificação, o ideal seria curso de tecnologia, no qual o conhecimento prático é muito valorizado.

Ele complementa explicando que **“aquele aluno que tem aptidão para a docência pode procurar um curso de licenciatura, lembrando que se pretende lecionar em cursos superiores, não é apenas a graduação que o habilitará a isso, mas, sim a pós-graduação”**, frisou. ♦



EDUCAÇÃO SEM LIMITES

JOSÉ AMARILDO DE LIMA FILHO,

aluno de Redes de Computadores, conta como viveu e estudou por dezesseis meses nos Estados Unidos.



José Amarildo com colegas intercambistas na Humboldt State University, Califórnia.

José Amarildo de Lima Filho, de 25 anos, sempre teve o sonho de estudar fora do país. Oportunidade que, para ele, iria contribuir não só para o seu crescimento profissional, mas também pessoal, além de proporcionar a aprendizagem e o aperfeiçoamento de um novo idioma.

Em 2014, quando estava no 5º período do curso superior de Tecnologia em Redes de Computadores, ele se inscreveu no programa Ciências sem Fronteiras, iniciativa dos Ministérios da Educação (MEC) e da Ciên-

cia, Tecnologia e Inovação (MCTI), que oferta bolsas de intercâmbio para alunos de graduações e pós-graduações, com o objetivo de aproximar os estudantes aos sistemas educacionais reconhecidos mundialmente.

Depois de passar por uma rigorosa seleção, José Amarildo foi um dos alunos brasileiros selecionados para estudar na Humboldt State University, localizada em Arcata, no estado da Califórnia, EUA.

A universidade é especializada em pesquisas ambientais e astronômicas e possui uma ótima estrutura para estudos na área de ciência da computação.

No início, o aluno teve dificuldade para assistir aulas em inglês, mas os longos meses de empenho ao estudar o idioma deram resultado.

De acordo com José Amarildo, o ensino norte americano segue uma didática muito prática, quando comparado à metodologia utilizada no Brasil.

Embora os professores não trabalhem a parte teórica de forma aprofundada, o aluno “põe a mão na massa” em grande parte das disciplinas.

Eu passei a dedicar mais tempo aos estudos para poder assimilar melhor o conteúdo das matérias. No decorrer do tempo, toda a minha desenvoltura com as aulas melhorou e o vocabulário foi aumentando.

José Amaildo



“Para quase todas as matérias que você faz, há um laboratório equivalente e obrigatório. Eu e os outros brasileiros notamos que os cursos no Brasil são mais difíceis e a gente se aprofunda mais nos assuntos, pelo menos nas partes de cálculos”, comentou.

Quanto à experiência em conviver em outra cultura, José Amarildo reforça que foi bem recebido pelos moradores de Arcata, mas os hábitos pouco saudáveis dos americanos causaram estranheza.

“Eles têm o costume de comer muita massa. Calzone e pizza são refeições comuns no almoço. Muitos deles pegam um pedaço de pizza, sentam numa pracinha e comem ali mesmo”. Apesar disso, ele conta que a alimentação na universidade era bem variada, rica em saladas e comidas saudáveis.

Enquanto viveu nos Estados Unidos, o estudante teve a oportunidade de fazer um curso de LEAN Manufacturing e um estágio na Universidade do Tennessee. Além disso, ele conheceu outras cidades como Nova Iorque, Washington e Chicago.

O estudante confessa que a experiência foi bem além das suas expectativas e contribuiu, inclusive, para o desenvolvimento de uma consciência social e crescimento educacional e profissional.

Para minha surpresa, em vez de eu ver os Estados Unidos com outros olhos, hoje eu vejo o Brasil de forma diferente. Eu posso perceber o lugar do Brasil no mundo e reconheço o quanto o nosso povo é admirado. Acredito que hoje eu me conheço muito mais e aprendi sobre as minhas capacidades e limitações.

José Amaildo



DICAS PARA QUEM QUER PARTICIPAR DE INTERCÂMBIO

- Conheça cada tipo de intercâmbio e sua duração
- Pesquise sobre o país, a cidade, a instituição de ensino e o curso que pretende fazer;
- Busque apoio de familiares e professores;
- Estude um idioma com muita antecedência;
- Tenha um passaporte;
- Fique atento aos editais de programas de intercâmbio na página do MEC;
- Busque dicas e ajuda da Assessoria ou Coordenação de Relações Internacionais da sua instituição de ensino. ◆



LICENCIATURA *em* QUÍMICA

**HÁ MAIS DE UMA DÉCADA, O CAMPUS JOÃO PESSOA
FORMA PROFESSORES DE QUÍMICA**

O curso também tem papel relevante na formação de pesquisadores na área, por meio do incentivo de programas como PIBID, PET e PDVL.



Equipe do PET Química em laboratório do campus João Pessoa.

Desde 2004, a formação de professores de Química faz parte do catálogo de cursos oferecidos pelo Campus João Pessoa.

Assim, o IFPB vem cumprindo a missão estabelecida pela lei de criação dos Institutos Federais, com a oferta de cursos de licenciatura, para a formação de professores para educação básica. No IFPB, o licenciado em Química tem uma sólida formação teórica, prática e metodológica com base em competências e habilidades nos diversos campos dessa área.

Por meio da aplicação pedagógica do conhecimento e experiências de Química e de áreas afins, o profissional formado no Campus João Pessoa pode atuar como educador no ensino Médio e Profissional.

Ofertado de forma presencial, o curso tem o prazo mínimo de integralização de sete semestres, com carga horária total de 3.400 horas, com aulas que acontecem no turno da tarde. Anualmente são ofertadas 60 vagas.

No Campus João Pessoa, o estudante de Licenciatura em Química conta com uma formação focada em atividades de ensino, pesquisa e extensão, que complementam a preparação dos futuros professores.

A infraestrutura do curso de Química do IFPB na capital paraibana é composta de salas de aula, diversos laboratórios, dos quais quatro são específicos do curso, entre eles o Laboratório Interdisciplinar de Caracterização e Desenvolvimento de Nanomateriais¹ (Lanano), que começou a funcionar no final de 2015.

O Lanano conta com equipamentos de tecnologia de ponta capaz de fazer a caracterização e identificação de materiais nanoestruturados.

Logo nos primeiros semestres do curso, o estudante pode se engajar em diversos programas de projetos de pesquisa e extensão. Alguns possuem parceria com instituições de fomento, como CNPQ, e outros criados pelo próprio IFPB.

Dentre esses, os alunos do curso de Química têm se destacado pela atuação no Programa de Educação Tutorial (PET Química) e no Programa Despertando Vocações para as Licenciaturas (PDVL Química).

¹ São materiais cuja a estrutura se medem numa escala atômica e molecular, denominada nanômetro (nm), medida que corresponde a um bilionésimo do metro, ou seja de 10⁻⁹m.

PET - QUÍMICA

O objetivo do programa é proporcionar e incentivar uma melhor formação dos graduandos do curso de Licenciatura em Química.

O PET promove a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos, estimulando a fixação de valores que reforçam a cidadania e a consciência social de todos os participantes.

Atualmente é formado por nove bolsistas e um voluntário, todos graduandos do curso de Licenciatura em Química, além de um professor tutor.



No PET Química, os alunos têm a função de desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão, sob a orientação do tutor, visando proporcionar aos participantes a possibilidade de ampliar suas experiências na formação acadêmica e cidadã.



O professor tutor do programa estimula a aprendizagem ativa de seus membros, por meio de vivências, reflexões e discussões, num clima de cooperação.

Por estimular a realização de atividades em grupo e a dedicação ao curso de graduação, o PET Química permite ao aluno desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, facilitando a compreensão das características e dinâmicas individuais, bem como a percepção da responsabilidade coletiva e do compromisso social.

Ao serem inseridos em um contexto de sala de aula, os participantes do programa conseguem disseminar essas capacidades com os outros colegas do curso, e isso tem modificado e ampliado a perspectiva educacional de toda a comunidade.

Desde a sua criação, o grupo tem contribuído de forma significativa e determinante para a formação dos alunos do curso de Licenciatura em Química do IFPB - Campus João Pessoa, diminuindo a evasão e a retenção, estimulando de forma determinante o aluno na conclusão do seu curso de graduação.

PDVL - QUÍMICA DO IFPB

O Programa Despertando Vocações para as Licenciaturas também busca desenvolver ações que despertem o interesse no curso de Licenciatura em Química, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Além disso, o programa estimula a troca de saberes entre a Academia e a Educação Básica, tendo como foco a formação do professor e as tecnologias educacionais.

Entre os objetivos do PDVL-Química estão a busca pela aproximação das relações entre o Ensino Superior e a Educação Básica, o auxílio na formação de professores do Ensino Médio da disciplina de Química e o desenvolvimento de tecnologias educacionais nessa área.

Uma das atividades do programa consiste na realização de cursos de curta duração direcionados aos participantes do PDVL, com os fundamentos históricos e filosóficos da educação, novas abordagens de ensino e novas perspectivas da avaliação. Dessa forma, o programa busca a permanência mais qualificada dos estudantes no curso.

Na perspectiva da Pesquisa, o PDVL aprofunda a formação dos licenciandos como pesquisadores e, assim, auxilia e fomenta a produção científica qualificada dos participantes do programa. Os estudantes do IFPB são estimulados a realizar pesquisas comparativas envolvendo instituições parceiras, a enviar trabalhos para revistas e periódicos e participar de eventos locais, regionais, nacionais ou internacionais.

O programa também incentiva ações que sejam realizadas em diferentes espaços sociais. Por isso, os integrantes do PDVL realizam e participam de seminários, palestras, rodas de conversa, feiras e grupos de estudos com foco na Formação de Professores.

Dentre as práticas que são realizadas pelos participantes do programas estão a confecção de jogos didáticos voltados para o Ensino Médio que auxiliem na compreensão de conceitos Químicos, as visitas às escolas parceiras do programa, onde são realizadas atividades como Show da Química, além de palestras e rodas de conversa.

Outra atividade ofertada pelo programa é a realização de cursos de extensão para estudantes e professores da Educação Básica, na modalidade de Educação a Distância (EaD).

RESULTADOS POSITIVOS

No concurso para professor do Governo do Estado da Paraíba, realizado em 2013, dentre os candidatos aprovados, 36 eram estudantes e ex-alunos do IFPB.

Outro indicador de que o curso tem obtido bons resultados é que, a cada ano, os discentes e egressos do Curso de Licenciatura em Química têm obtido êxito em outros concursos e seleções de mestrado e doutorado em diversas instituições de ensino do país.

Um exemplo disso é **Anderson Moreira Sá**, que estudou em Licenciatura em Química no Instituto Federal da Paraíba, no período de 2007 até 2012. Atualmente, ele é professor da rede de Educação Estadual da Paraíba e mestre em Energias Alternativas Renováveis pela Universidade Federal da Paraíba.

O docente conta que optou pelo curso de licenciatura enquanto estava no curso Técnico de Recursos Naturais do IFPB. Na época, Anderson fazia parte de um projeto de extensão de Análises de Água e teve contato com alguns alunos de Química.

Essa convivência o incentivou a ingressar no curso. Durante o último semestre da graduação, Anderson foi um dos estudantes do IFPB aprovados no concurso público para professor do Governo do Estado da Paraíba.

Em 2014, Anderson foi aprovado e fez parte da turma pioneira do mestrado em Energias Alternativas Renováveis da UFPB.

Seu contato com o Instituto Federal da Paraíba continuou durante a pós-graduação, já que sua orientadora, a professora Flávia Aquino, também é ex-aluna do Curso de Licenciatura em Química do Campus João Pessoa. Na pesquisas, eles trabalharam com o uso de células a combustível e, Anderson lembra que o Instituto foi muito importante em todo o processo.

“Foi graças ao IFPB que tive todas essas conquistas no decorrer da vida acadêmica, pois a Instituição tem a característica de receber e formar o aluno com humanidade e toda infraestrutura necessária para obtenção de sucesso profissional e acadêmico”, enfatiza Anderson.

Segundo o ex-aluno, o curso de Licenciatura em Química do IFPB tem um dos melhores quadros de professores e “não deixa ‘devido’ para nenhuma outra universidade”.

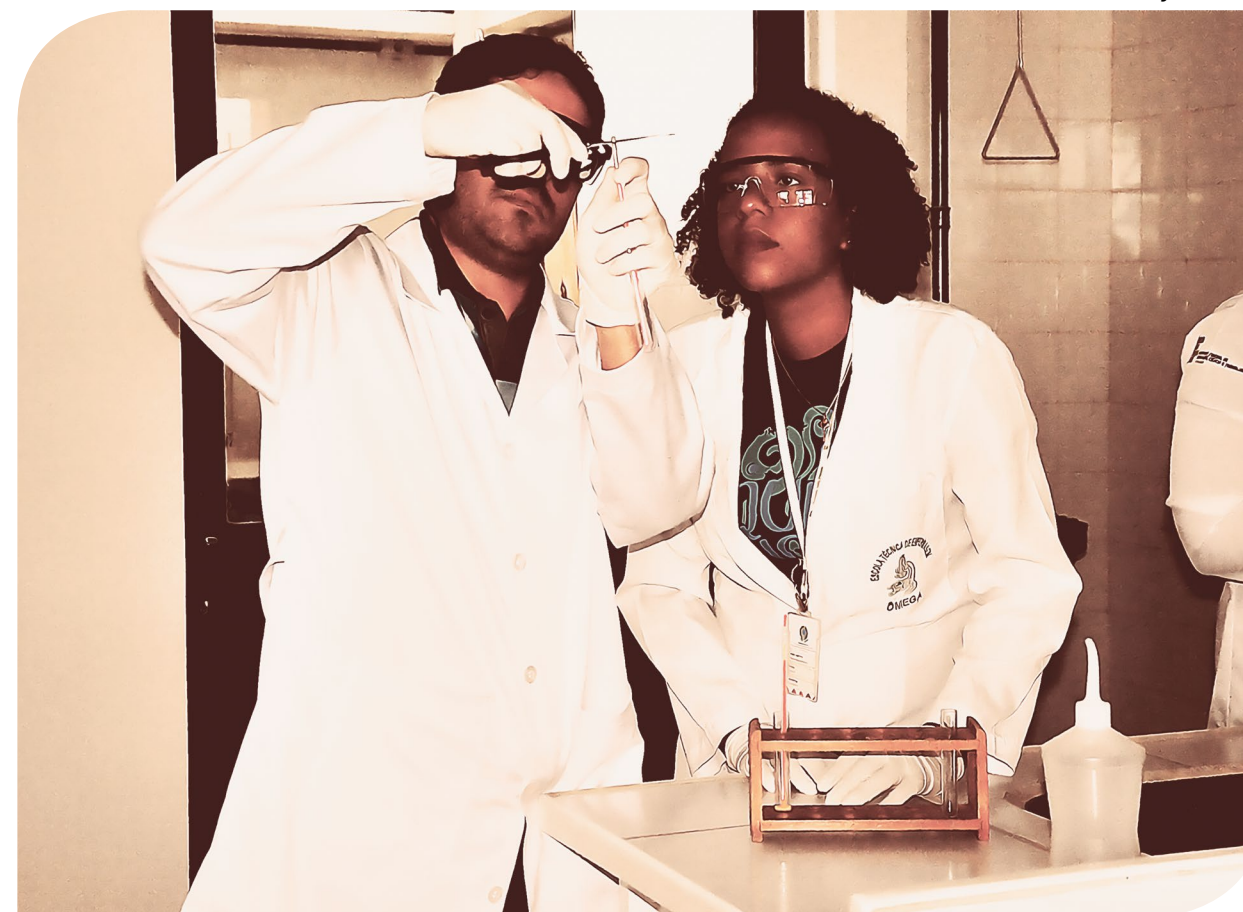
Anderson também avalia como um diferencial positivo a proximidade entre professores e estudantes. Para ele, essa característica marcante do Instituto Federal da Paraíba transmite segurança e humanidade para os discentes.

“Em sala de aula sempre que vejo um aluno com interesse no curso de Química, minha primeira atitude é mostrar como é

o curso do IFPB e aconselhar que vá estudar lá, passando a ele todo orgulho que tenho da Instituição”, diz entusiasmado.

É nessa busca por uma formação sólida que o Curso de Licenciatura em Química do Campus João Pessoa conquistou bons resultados e iniciou histórias de sucesso, como a de Anderson, graças ao empenho da equipe de docentes e técnicos administrativos qualificados e a boa estrutura física. ◆

Professor Anderson Moreira e aluna Mileny Ferreira.

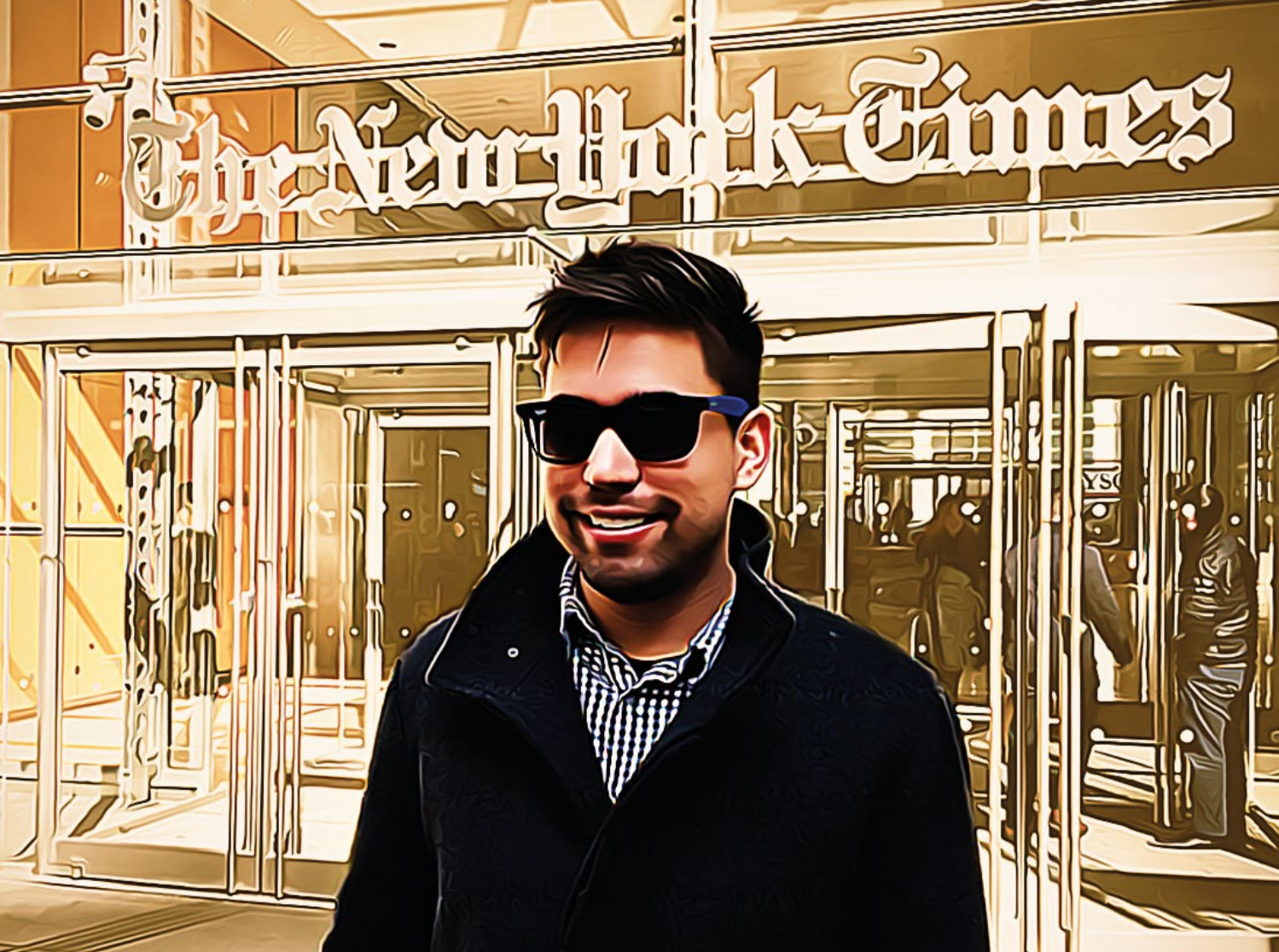




Do
CAMPUS JP
PARA O NY TIMES

**SUCESSO PROFISSIONAL COMEÇA
COM INVESTIMENTO DURANTE A GRADUAÇÃO**

O engenheiro de software *Flávio Ribeiro* conta um pouco de sua trajetória e como foi chegar ao *The New York Times*.



Não existe uma receita pronta para o sucesso profissional, mas alguns ingredientes são essenciais, como esforço, determinação, foco e dedicação.

O caso de **Flávio Ribeiro Nogueira Barbosa** ilustra bem isso. Aos 28 anos, ele trabalha como engenheiro de software em uma das mais conceituadas empresas de comunicação do mundo: **The New York Times**.

Sua jornada começou em 2006, quando aos 18 anos foi aprovado para o curso Superior

de Telecomunicações do IFPB, na época, Cefet-PB. Ele não imaginava que iria chegar tão longe na carreira e que em 10 anos estaria morando em Nova York.

Natural de Campina Grande, o estudante disse que optou por se mudar e cursar Telecomunicações em João Pessoa, apesar de ter sido aprovado também na UEPB, logo após uma longa conversa com um dos seus professores do colégio, a quem respeitava e admirava muito, o professor Alcides Ribeiro.

“A conversa foi determinante para eu tomar essa decisão de mudar para João Pessoa. O professor Alcides citou vários pontos positivos do Instituto. O principal foi o foco prático, dinâmico e hands-on¹ dos cursos”.

Essa decisão foi o primeiro passo em sua trajetória acadêmica que teve mais uma guinada, pois, quando Flávio estava no primeiro ano do curso de Sistemas de Telecomunicações, teve início o curso de Bacharelado em Engenharia Elétrica. Nesse mesmo ano, ele prestou vestibular novamente, foi aprovado e, no ano seguinte, aproveitou várias disciplinas do curso de Sistemas de Telecomunicações.

A mudança de curso foi motivada pelo desejo que Flávio tinha, desde criança, de cursar alguma Engenharia ou curso de Computação. **“Quando passei para Sistemas de Telecomunicações, resolvi começar os estudos. E o curso de Engenharia Elétrica foi aberto no momento certo para mim”**, afirma com a convicção de quem fez a escolha certa, no momento ideal.

Segundo Flávio, para se ter uma formação acadêmica sólida, é preciso investir tempo e se dedicar durante a graduação. O envol-

¹ Termo da língua inglesa que numa tradução livre equivale, em português, às expressões “mãos à obra” e “mãos na massa”. Também pode ter o sentido de “aprender fazendo”.

vimento com a pesquisa e a participação em congressos ajudam a iniciar contatos com pesquisadores e profissionais da área, além de formar redes de relacionamentos com pessoas de todo o mundo.

No primeiro período, Flávio conseguiu uma bolsa na Coordenação de Manutenção e Suporte a Informática. Ele também participou de projeto de pesquisa (PIBIC) no Laboratório de Bioinformática da UFPB e estagiou no Laboratório de Vídeo Digital (LAVID). Em seguida, resolveu trabalhar em duas startups até terminar o curso. Segundo Flávio, todas essas experiências foram fundamentais para alavancar sua carreira.

“Durante os cinco anos, trabalhei em projetos de naturezas diferentes, com pessoas diferentes e em contextos diferentes. Participar de conferências e congressos, seja como congressista ou palestrante, também é fundamental para ficar por dentro do que está acontecendo e fazer networking.”

Flávio Ribeiro

Estudar o que gosta, escolher bem o curso e a instituição também são fatores importantes e que devem ser levados em consideração por quem busca alavancar a carreira profissional.

Com o perfil de formação profissional, o IFPB busca aprimorar métodos que foquem na dimensão prática dos cursos. Esse foi um diferencial do curso de Engenharia Elétrica, que chamou a atenção de Flávio.

O contato próximo dos professores bem como a promoção de eventos com palestras e até competições de robôs também agregam muito.

Flávio Ribeiro

“Lembro que uma das avaliações da disciplina de Princípios de Telecomunicações, com professor Jefferson Silva, consistia na montagem de um transmissor AM/FM. Colocamos o hino do time pelo qual o professor torce no nosso transmissor e garantimos um 10!”.

Da época da graduação, Flávio afirma que tanto professores como os colegas marcaram sua trajetória, por ser a turma pioneira de Engenharia Elétrica do IFPB, o que gerou uma boa relação e proximidade entre docentes e estudantes, ajudando a formar, consolidar e fortalecer o curso.

O coordenador na época era o professor **Alfrêdo Gomes**, que sempre esteve disponível durante todos os anos da graduação. Outro professor que me marcou bastante foi o **Juarez Farias** pelo domínio total do conteúdo e de suas provas extremamente difíceis!

Flávio Ribeiro



Flávio Ribeiro e colegas de redação durante cobertura da Copa do Mundo de 2014.

Do **Globo.com** para o **The New York Times**

O conhecimento adquirido nas disciplinas da graduação, a participação em projetos, bem como as experiências nos estágios foram alguns fatores que facilitaram na seleção para a Globo.com.

Aliado a isso, Flávio sempre se interessou pela área de software, programação e, ainda no colégio, por influência do irmão Felipe Ribeiro, que também é engenheiro de software, começou a aprender a **linguagem de programação Python**.

O que é Linguagem de Programação?

Sistemas de códigos utilizados por programadores e desenvolvedores de softwares para estruturar programas e sistemas computacionais. Como a linguagem humana, a computacional tem sua própria gramática, sintaxe e vocabulário. Devido à diversidade de utilização dos computadores para variados fins, desde usinas nucleares até jogos eletrônicos, existem diferentes linguagens de programações, algumas com objetivos específicos.

Segundo Flávio, naquela época essa linguagem não era popular, mas algumas grandes empresas já utilizavam, como Google e NASA. Ele aprendeu essa linguagem de programação e utilizou bastante durante a graduação, nos projetos de disciplina, pesquisas e nos estágios.

“A Globo.com adotou Python como uma das principais linguagens nos portais e terminei conhecendo vários funcionários da empresa”, conta. Um deles era o amigo do curso de Sistemas de Telecomunicações, Igor Sobreira, que trabalhou na Globo.com antes de Flávio.

Nessa época, surgiu uma vaga no setor de plataforma de vídeos ao vivo e o pessoal da Globo.com entrou em contato com Flávio. Ele ressalta que o conhecimento em Python, a experiência com vídeos no LAVID e as disciplinas de Telecomunicações e Eletrônica da graduação ajudaram no processo de seleção e no dia-a-dia na Globo.com.

Enquanto estava lá, trabalhou em grandes projetos como a cobertura da **Copa do Mundo de 2014**, além de programas como **Big Brother Brasil** e **UFC Combate**.

“Após 4 anos trabalhando na Globo.com eu senti que tinha chegado a hora de mudar. Senti que meu ciclo na empresa tinha terminado e procurei um novo desafio”.

Em 2011 estive em uma conferência de vídeos em Nova Iorque e conheci o Diretor de Vídeos do Times, Maxwell Dayverson, que também é brasileiro. Nós trocamos figurinhas durante esses anos e, no começo de 2015, recebi o convite para as entrevistas. O processo todo foi constituído de 9 entrevistas, todas via videoconferência. Recebi a oferta e me mudei para Nova Iorque em Outubro de 2015.

Flávio Ribeiro

Flávio disse que nunca fez planos e nem imaginou que iria trabalhar em empresas conceituadas, como a Globo.com e The New York Times, mas soube aproveitar as oportunidades que surgiram ao longo de sua vida acadêmica.

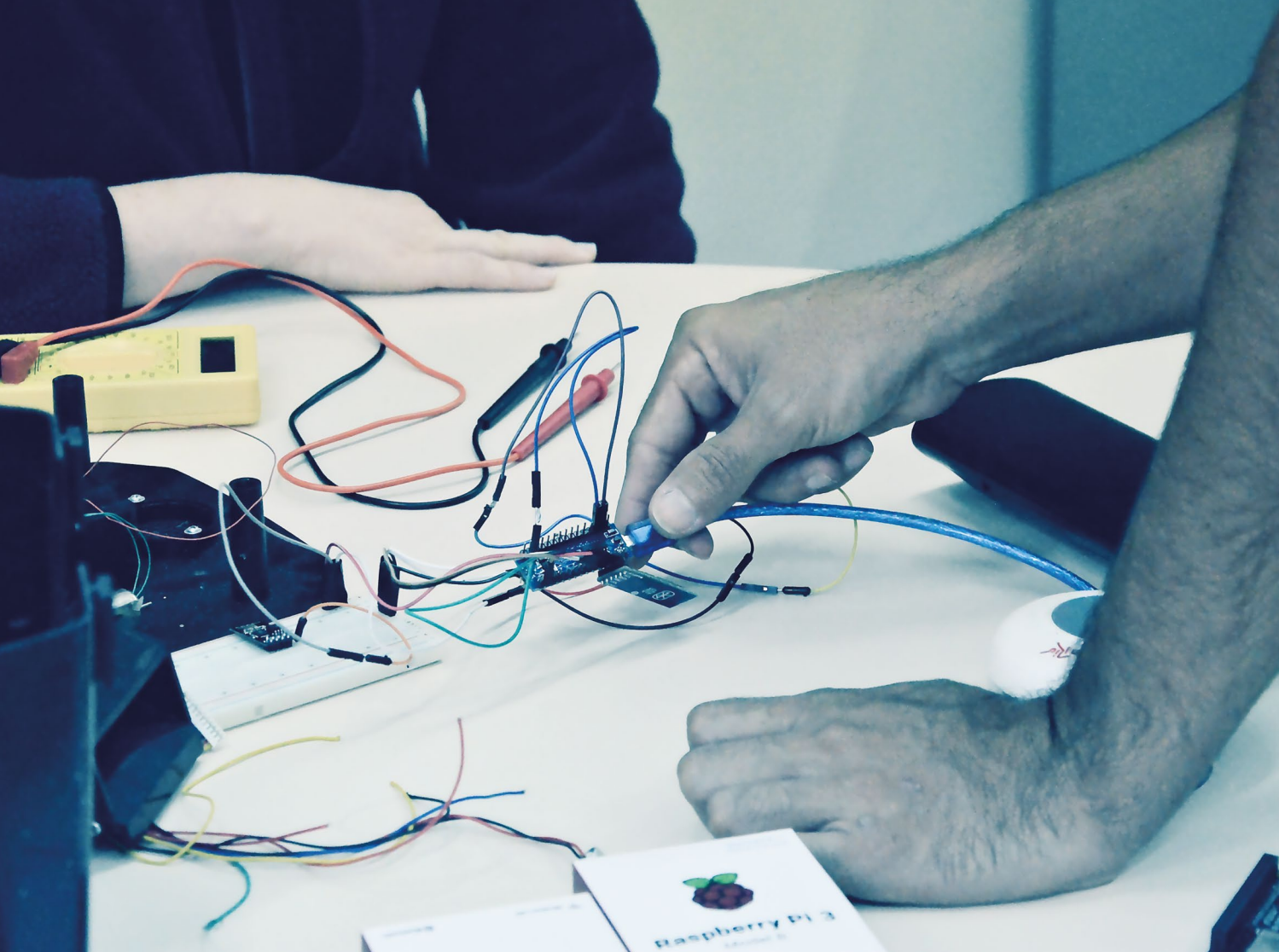
Para quem deseja trilhar um caminho de sucesso na carreira profissional, ele alerta que o primeiro passo é estudar e se dedicar ao

que realmente gosta. “Pode parecer clichê, mas se você não fizer um curso que gosta, terá mais dificuldade em evoluir profissionalmente. Segundo, se é o que você gosta, seja corajoso, arrisque, aprenda com os erros. Reconheça seus pontos fracos, se esforce, peça ajuda. A jornada da graduação é árdua, demanda tempo e bastante energia, mas no fim, todas as noites mal dormidas valerão a pena”, completa. ◆

...se é o que você gosta, seja corajoso, arrisque, aprenda com os erros. Reconheça seus pontos fracos, se esforce, peça ajuda.

Flávio Ribeiro





Desenvolvimento de dispositivo inteligente para adestramento de cães.

Quando se fala em pesquisa, a primeira imagem que vem à cabeça das pessoas é a de cientistas utilizando microscópio e tubos de ensaio ou em laboratórios com tecnologias de ponta. Mas a realidade não se restringe só a isso.

Qualquer investigação de caráter científico pode ser considerada pesquisa. Por isso, os pesquisadores geralmente afirmam que se deter no estudo de um determinado assunto é buscar soluções para problemas do dia a dia.

No IFPB - Campus João Pessoa, os estudantes são estimulados a participar de pesquisas, seja em cursos Superiores ou Técnicos, em todas as áreas de conhecimento.

E foi justamente buscando aliar temas como tecnologia, inovação e acessibilidade, que surgiu o projeto de pesquisa Sistema Computacional para reduzir Custo e Tempo de Adestramento de Cães para Deficiente Visuais, coordenado pela professora **Luciana Pereira Oliveira**.

A ideia central do projeto é elaborar um sistema que auxilie o adestramento de cão guia, reduzindo o tempo e custo da formação do animal. Atualmente, segundo Luiz Alexandre Almeida, presidente do Kennel Club do Estado de Pernambuco¹, associação que possui um programa de adestramento, o treinamento leva cerca de dois anos e meio, e o custo gira em torno de R\$ 25.000,00.

A professora Luciana já trabalhou em outras pesquisas com tecnologias assistivas e acredita que o projeto poderá auxiliar não só o adestramento de cães direcionados para pessoas que têm deficiência visual, mas também para idosos e pessoas com doenças que restrinjam alguma capacidade.

A primeira etapa do projeto, que consiste na procura por pesquisas relacionadas a tecnologias que auxiliem pessoas com deficiências, foi concluída.

Segundo Luciana, na busca de artigos que tratam do tema, foi observado que alguns pesquisadores optaram pela produção de robôs para auxiliar pessoas com deficiência visual a se locomover. No entanto, constataram, posteriormente, que nenhuma máquina foi capaz de ter o mesmo desempenho que um cachorro.

Como o adestramento é um processo individualizado e caro, muitos adestradores trabalham com voluntários para cuidar dos primeiros comandos, como sentar, deitar e iniciar a interação social.

A proposta da pesquisa do IFPB consiste em utilizar equipamentos inteligentes, conectados em redes e que possam ser acessados remotamente para fazer esse treinamento. Entre os equipamentos, encontram-se sensores, caixa de som, câmera, além de um alimentador automatizado, tudo de forma integrada.

Esses equipamentos servirão para que o sistema reconheça o comportamento do cachorro em tempo real, independentemente da raça. Assim, o profissional poderá configurar remotamente o cenário de adestra-

“**É motivante trabalhar com algo para ajudar pessoas que precisam superar suas restrições.**”

Luciana Oliveira

¹ A sede da associação está localizada na BR - 101, Km 15,5 - Jardim Paulista - Paulista - PE. O contato pode ser feito pelo telefone: (81) 3438-5015. Mais informações no site : www.kcep.com.br

mento ao gravar um conjunto de comandos e determinar a sequência em que esses comandos devem ser executados.

As ordens serão emitidas pela caixa de som, e o módulo de reconhecimento de imagem verificará se o cachorro executou o comando desejado. Caso o cão realize o que foi pedido, o sistema irá interagir com o alimentador para liberar a recompensa, normalmente um petisco.

“O adestrador não será descartado, ele será muito importante para ensinar, inicialmente, o comando e, em vez de ter uma pessoa que não é um adestrador repetindo os comandos, serão os componentes inteligentes que irão repetir o que o adestrador ensinou inicialmente”, explica professora Luciana.

Outro benefício do sistema é a possibilidade de gerar relatórios de monitoramento estatístico, apontando quantas vezes, por exemplo, o cão conseguiu obedecer aos comandos. De acordo com os resultados, o adestrador poderá reprogramar o sistema.

A versão inicial do projeto já está em teste, como as tentativas de ativação do sistema via bluetooth e wi-fi. A próxima fase é a finalização de alguns componentes para a detecção do animal por meio de imagem e,

em seguida, a construção de parte das redes, que viabilizará a troca de mensagens entre o alimentador automatizado, as imagens e a caixa de som. Posteriormente, serão feitos testes com animais para ajustar o sistema, após passar pelo comitê de ética do IFPB e de outra instituição que regulamente pesquisas com animais.

“Pensamos, inicialmente, no adestramento de cão guia, mas depois começamos a levantar hipóteses de que poderíamos tentar outros tipos de treinamentos para cães de serviço, como cães farejadores, que trabalham na área investigativa e cães terapeutas que trabalham com apoio psicológico.”, revela Luciana.

Se o programa alcançar o objetivo, no futuro, poderá ser usado também para outros tipos de animais e ser aplicado em zoológicos.

No projeto, Luciana conta com a colaboração dos alunos de Engenharia Elétrica, **Ceres Gonçalves, Glaydson Gonçalves e Walisson Silva**, e do estudante de Rede de Computadores, **Illo Atayde**.



Professora Luciana Pereira e alunos integrantes do projeto de pesquisa.

Para Ceres Gonçalves, se envolver num projeto de pesquisa é muito importante para formação profissional dos estudantes.

“Na pesquisa, aplicamos e integramos, ao mesmo tempo, conteúdos que aprendemos em sala de aula, envolvendo várias disciplinas”. O aluno de Redes de Computadores Illo Atayde destaca que o que lhe chamou a atenção nesse projeto de pesquisa foi a possibilidade de trabalhar com a interação entre a tecnologia e o animal, aliado à questão de auxiliar pessoas com deficiência.

Na pesquisa aplicamos e integramos, ao mesmo tempo, conteúdos que aprendemos em sala de aula, envolvendo várias disciplinas.

Ceres Gonçalves

PRIMEIROS RESULTADOS

O prazo do edital ao qual a pesquisa estava vinculada terminou em janeiro de 2017, mas o trabalho continua. A docente e os estudantes estão se empenhando para implementar melhorias, mesmo atuando como voluntários.

“É bem motivador você perceber que os alunos têm sede de conhecimento”, comenta a professora. Ela destaca também que já é possível observar os primeiros resultados concretos da pesquisa.

Luciana se refere à solicitação de registro de software e patente do Executor de Técnicas para Adestramento de Animais encaminhada ao Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI), em janeiro de 2017.

A pesquisa foi inicialmente desenvolvida para agilizar e baratear o processo de adestramento de cães-guia. **“Mas depois vimos que poderia ser utilizada para outros tipos de funções do cachorro e até mesmo de maneira genérica para outros animais”**, conta Luciana.

Com o desenvolvimento do trabalho, a docente percebeu que poderia elaborar produtos e gerar processos capazes de executar técnicas de adestramento de animais, além

de criar adaptadores para produtos, que já existem e são capazes de emitir estímulos.

Depois de buscar que tipos de patentes já existiam, a professora Luciana descobriu que foram patenteadas apenas técnicas de adestramento não relacionadas a produtos. **“Existem diversos tipos de dispositivos, de alimentadores, de coleiras, alguns com interfaces serial e outras sem fio, mas não existe nenhuma em que o adestrador possa definir uma técnica e transmiti-la a equipamentos”**.

O registro de patente submetido pela docente é inovador justamente por propor a aplicação de uma técnica de adestramento em dispositivos e possibilitar a adaptação de produtos e técnicas para diferentes cenários de adestramento.

Segundo a professora Luciana, a análise do pedido de patente e registro de software pode levar mais de um ano, já que todas as solicitações passam por um processo para verificar se o produto ou programa realmente não existe.

É bem motivador você perceber que os alunos têm sede de conhecimento.

Luciana Oliveira

Ainda serão estudadas e implementadas melhorias na parte do processamento de imagem. Nos testes, a equipe conseguiu fazer com o que sistema identificasse que existe um animal, só que ainda é necessário fazer com que ele reconheça os comportamentos do animal por meio da captação de imagens.

Mas já é possível ativar o alimentador remotamente e a parte do programa que utiliza som para reproduzir os comandos do adestrador também está funcionando de acordo com o que foi planejado.

Para solicitar a patente, não é preciso já ter o produto funcionando, mas descrever as características que ele terá, especificando como o produto funcionará e a ideia, que pode ter sido implementada ou não.

No caso do registro de software, basta entregar o código do programa ao INPI. **“A gente descreveu a ideia de como seria o produto e o processo e conseguimos aplicá-la num ambiente de simulação, por meio de códigos, ainda sem o hardware (equipamentos)”**, esclarece Luciana.

A docente reforçou que está satisfeita com esses primeiros resultados e acredita que o projeto realmente vire um produto. “Espero que a pesquisa também resulte em bons frutos para o IFPB”. ◆

Espero que a pesquisa também resulte em bons frutos para o IFPB.

Luciana Oliveira

FORMAS de INGRESSO



O **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPB)** é uma instituição de Educação Superior, Básica e Profissional, especializada na oferta de Educação Profissional e Tecnológica, contemplando aspectos humanísticos nas diferentes modalidades de ensino.

Ao longo de sua história o IFPB tem como missão preparar profissionais cidadãos com sólida formação humanística e tecnológica para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade sustentável,

justa e solidária, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para o ingresso em cursos de nível superior, a instituição utiliza o desempenho do estudante no Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM. Já para os cursos técnicos, o IFPB realiza o Processo Seletivo para Cursos Técnicos (PSCT). A instituição ainda conta com o Processo Seletivo Especial (PSE), uma forma de ingresso diferenciada para os Cursos Superiores Presenciais do IFPB em diversas modalidades.

PSCT

Essa seleção ocorre para ingresso nos Cursos Técnicos Integrados e Subsequentes ao Ensino Médio. A cada ano, o IFPB lança um edital detalhando o processo, que durante muitos anos consistia na realização de exames. **Em 2017, foi implementada uma nova metodologia: a análise do desempenho escolar dos estudantes.**

Para os cursos **Técnicos Integrados** são levadas em consideração as notas de Língua

Portuguesa, Matemática, História e Geografia ou disciplinas equivalentes, dos 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental II.

Já para os **Cursos Subsequentes**, a seleção é realizada por meio da análise das notas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática cursadas no 1º e 2º ano do Ensino Médio ou equivalente. A análise ainda pode ser realizada com base no desempenho das provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

e Matemática e suas Tecnologias no ENEM. Para ambas as modalidades, a instituição reserva 50% das vagas, de acordo com as regras da política nacional de cotas, para estudantes oriundos de escola pública e 5% para candidatos com deficiência.

Enem e Sisu

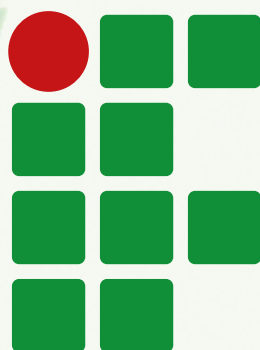
O ENEM é a principal porta de entrada para o Ensino Superior do Instituto Federal da Paraíba. Portanto, os estudantes que desejam ingressar em cursos de graduação do IFPB precisam realizar o exame e se inscrever no Sistema de Seleção Unificada (SISU).

Nesse nível de ensino, a instituição também reserva 50% de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas e 5% para candidatos com deficiência.

PSE

A instituição ainda realiza, de acordo com a necessidade, o Processo Seletivo Especial (PSE) para ingresso nos Cursos Superiores presenciais do IFPB, nas seguintes modalidades:

- **ingresso de graduados (estudantes que tenham diploma de algum curso superior);**
- **reingresso de ex-discentes (estudantes que tenham abandonado ou tenham sido desligados do curso na própria instituição, em prazo máximo definido pelo IFPB);**
- **reopção de curso (estudante com matrícula ativa em curso do IFPB que deseja mudar de curso);**
- **transferência interinstitucional (estudante com matrícula ativa em curso de outra instituição, pública ou privada). ♦**



INSTITUTO FEDERAL

Paraíba

Campus
João Pessoa

www.IFPB.edu.br/joaopessoa